



Ateliê de História

Palavras - chave:
História e literatura;
Psicanálise; Gabriel García
Márquez; Ditadura.

A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA DO DITADOR LATINO AMERICANO EM “O OUTONO DO PATRIARCA”: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA

Eduardo Toshio Kabori ¹

Fernando Bagiotto Botton ²

Resumo: Este artigo pretende analisar as representações em torno da figura do ditador latino americano, utilizando como fonte de pesquisa histórica a obra literária *O Outono do Patriarca* (1975), do autor colombiano Gabriel García Márquez. Esta obra, assim como *Eu o supremo* (1974) do paraguaio Augusto Roa Bastos e *O recurso do método* (1974) do cubano Alejo Carpentier formam a tríade dos chamados “Romances de ditador”. Todos eles são uma metáfora que ilustram os vários aspectos da figura dos chefes de estado autoritários da América Latina, retratando, não apenas a opinião do povo a seu respeito, mas o despotismo vivenciado sob o ponto de vista do “General”. Além disso, demonstram o caráter pessoal do ditador e alguns aspectos de sua subjetividade. Utilizaremos a Psicanálise como ferramenta metodológica auxiliar, a fim de elucidar os sentidos ocultos e simbólicos contidos na narrativa e que possam corroborar com a produção de novos conhecimentos acerca da representação dos déspotas que governaram a América Latina durante o período de 1930 a 1969. Portanto, este trabalho enfatiza o diálogo que pode ser realizado entre História e Literatura, tema já discutido pela escola dos *Annales*, onde se demonstrou que a Cultura torna-se um objeto de investigação legítimo dos historiadores, fonte de registro passível de interpretação e reconstrução do passado. É sob esta perspectiva que abordaremos a literatura como documento que registra uma época que assolou todo o continente latino americano e que deixou seu rastro nas esferas política, social e cultural.

Coisa extraordinária, por certo; e porém tão comum que se deve mais lastimar-se do que espantar-se ao ver um milhão de homens servir miseravelmente, com o pescoço sob o jugo, não obrigados por uma força maior, mas de algum modo (ao que parece) encantados e enfeitiçados apenas pelo nome de um, de quem não devem temer o poderio pois ele é só, nem amar as qualidades pois é desumano e feroz para com eles (LA BOÉTIE, 1999, p. 12).

É a partir deste pequeno trecho de *A servidão voluntária* de La Boétie que começamos a nos indagar a respeito da relação de poder que é estabelecida entre o povo e o tirano³. O “espanto” de La Boétie se dá pela forma paradoxal em que se instala o poder do tirano sobre a população, por meio da coerção e da violência, e de como é possível que este tipo de regime de governo vigore, em alguns casos, por longos períodos. No caso da América Latina, como veremos ilustrada na obra de García Márquez, o despotismo e, sobretudo, o tirano, possuíam algumas características peculiares e serão objeto de estudo deste trabalho.

A partir do chamado boom da literatura latino-americana na década de 1960, García Márquez junto a outros autores problematizaram e confrontaram as diferenças culturais entre a América Latina e a América do Norte/Europa, até então somente as últimas eram amplamente difundidas no meio ocidental (ROMERO, 2009). O romance de estreia do escritor colombiano foi *La hojarasca* (1955), seguido por *Ninguém escreve ao coronel* (1957), *A má hora* (1962) e *Os funerais da mãe grande* (1962). Posteriormente, em 1967, García Márquez publica sua obra prima, *Cem anos de Solidão*, que lhe renderia o Prêmio Nobel de Literatura e a consagração mundial, a obra foi traduzida para 35 idiomas. Alguns anos mais tarde, em 1975, Gabriel García Márquez concretiza outro projeto enraizado na infância: *O Outono do Patriarca*.

A temática do Poder e do Estado de exceção permeou a trajetória de García Márquez, desde a sua infância na casa dos avós em Aracataca, Colom-

1 Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Email: toshio_kabori@hotmail.com

2 Orientador. Doutor em História pela UFPR, tutor EAD na graduação em História do NUTEAD/UAB da UEPG. Professor da Faculdade Espírita (Curitiba).

3 A crítica de La Boétie remete à sua época, embora não aponte de maneira explícita a monarquia francesa, vai muito além de seu tempo, resgatando o tirano da Antiguidade por meio de Homero. Além disso, seu texto permite também uma reflexão sobre os regimes totalitários contemporâneos, tal a magnitude de seu pensamento (TONETI, 2009).

bia, onde escutava as histórias de seu avô⁴ e convivia com os exilados que residiam na cidade. Durante a vida adulta vivenciou os anos de governo de Rojas Pinilla⁵ na Colômbia e escrevia reportagens de jornal sobre os regimes autoritários. Estes eventos de sua biografia, relacionados à realidade latino-americana, transparecem na maioria de seus romances e contos, o que nos permite contextualizar o testemunho do autor sobre a história da América Latina. De fato, o engajamento político do autor ganha maior visibilidade após a obtenção do Nobel de Literatura em 1982, García Márquez pôde então operar como um porta-voz da América Latina que padecia em meio aos conflitos políticos e regimes ditatoriais.

Em *O Outono do Patriarca*, García Márquez narra os últimos anos de um déspota, cujo nome nunca é citado, todos os personagens o chamam de “general”. Sua pátria também não possui um nome, é governada com a ajuda de ministros e outros militares. Há ainda, o auxílio econômico estrangeiro, vindo de alguma potência da Europa e que exerce uma relação de dominação sobre o país. O romance gira em torno do Patriarca, ora em acontecimentos políticos e sociais diretamente ligados ao seu governo, ora em aspectos pessoais como, por exemplo, sua vida conjugal ou o falecimento de sua mãe. O conteúdo simbólico do *Outono* é riquíssimo e engendrou diversos tipos de análises⁶. Não temos a intenção de esgotar a discussão, pelo contrário, devemos suscitar a reflexão sobre o romance e tentar contribuir com novos conhecimentos a respeito desta obra.

O entrelaçamento da literatura com a história da América Latina marcou a trajetória das obras de Gabriel García Márquez, pode-se observar a presença de diversos elementos históricos e políticos em suas narrativas. Apesar do caráter atemporal e mítico presente na maioria de suas obras, particularmente em *O Outono*, podemos situar de forma mais ou menos precisa a localização temporal de acordo com alguns acontecimentos relatados, por exemplo, a chegada das caravelas de Colombo ao continente (FIORUCI, 2010). Com este estilo que mescla o tempo histórico e o discurso fictício é que García Márquez recria a história do continente, contrariando por vezes a história oficial e assim, produzindo um questionamento a respeito da interpretação dos fatos. Estas características da obra do autor colombiano

além de ilustrar seu ambiente fictício, também endossam seu caráter denunciador, ao trazer à tona os conflitos da América Latina durante o período das ditaduras em todo o continente latino americano (VIEIRA, 2010).

Em *O Outono do Patriarca* (1975), García Márquez produz uma metáfora dos períodos ditatoriais ocorridos na América Latina, em meados da década de 30-69, período em que países como o Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, por exemplo, se encontravam em regimes autoritários⁷. É por meio da particularidade desta obra que o autor nos mostra a transnacionalidade das representações da figura do ditador contidas, possivelmente, em cada um dos chefes de Estado que exerceram seu poder em suas respectivas nações.

O engajamento político de García Márquez é um importante fator inserido em sua obra. A partir desta posição crítica do autor, se torna possível realizar uma leitura do período ditatorial latino-americano, utilizando o *Outono* como fonte de pesquisa historiográfica e, privilegiando o uso de ferramentas de análise da literatura e do social, subsidiado pela noção de História Cultural (BURKE, 2004; PESAVENTO, 2004). Assim, abre-se a possibilidade de investigar os percalços do período ditatorial da América Latina por meio das obras literárias.

A utilização da literatura como fonte de estudo inicia-se a partir das reflexões de Roger Chartier (1991) a respeito da “crise das ciências sociais”, que analisavam somente o social e o econômico, e das críticas ao ecletismo metodológico da historiografia, que visava uma mudança de paradigma, uma vez que incidiam o esgotamento do arcabouço teórico das ciências que a auxiliavam como a geografia, etnografia e a sociologia, por exemplo. Ao mesmo tempo, cobrava-se uma falta de empirismo histórico outrora consolidado, quando da utilização de disciplinas “literárias”. Entretanto, Chartier aponta outras causas para esta mudança de olhar histórico, para o autor os próprios historiadores perceberam as demandas de alteração metodológica, onde não era possível analisar um recorte social por meio de “estruturas” dadas previamente. Abrindo-se então, uma gama de perspectivas referentes às ciências auxiliaadoras e seus objetos de estudo.

A noção de representação que nos interessa

4 Foi coronel, veterano da guerra dos mil dias (SALDÍVAR, 2000).

5 Foi Presidente da República da Colômbia entre 1953-1957 (ibid).

6 Por exemplo, a obra de Navarro (1989) e a dissertação de Torre (2011), entre outras que serão citadas posteriormente no artigo.

7 Além do Outono, outras duas obras compõem a tríade dos romances de ditador, são elas: *Eu o supremo* (1974) do paraguaio Augusto Roa Bastos e *O recurso do método* (1974) do cubano Alejo Carpentier.

aqui é a que Chartier apresenta como uma relação simbólica existente na substituição de um signo, ou ainda, de uma pessoa, objeto ou símbolo por seu equivalente, uma imagem homóloga. Nas palavras do autor: “Uma relação decifrável é, portanto postulada entre o signo visível e o referente significado” (CHARTIER, 1991, p. 184). Esta acepção coincide com a metodologia da Psicanálise quando ambas tomam a Literatura como objeto de estudo. A finalidade comum às duas áreas de conhecimento é des-velar, revelar e criar novos sentidos a partir do objeto analisado, ou seja, é sempre uma tentativa de entendimento com caráter heurístico e interpretativo, visando à elucidação do discurso metafórico da obra literária (FREITAS, 2001).

Neste sentido, autores como Peter Gay (1989), Amanda Stainbach (2011) e Figueiredo Filho (2006) concordam que a Psicanálise pode contribuir como ciência auxiliadora da História na análise de obras literárias como fonte, uma vez que, desde seus primórdios, a Psicanálise manteve um diálogo intenso com a Literatura. Freud utilizava exemplos da última como ilustração de seu pensamento, ou exemplificação de algum fenômeno, outras vezes reforçava seu argumento, partindo das tragédias e romances para a realidade cotidiana, para a subjetividade do indivíduo e sociedade.

Freitas (2001) afirma que o pai da psicanálise cita inúmeras vezes ao longo de sua obra, os gênios da literatura, como por exemplo, Shakespeare e Dostoiévski, demonstrando como estes estavam “inconscientemente” muito a frente da ciência de sua época, mesmo que sem o conhecimento da teoria psicanalítica, conseguiam descrever de maneira coerente e detalhada o funcionamento dos sujeitos e da sociedade.

A produção literária de grande qualidade serve então, de registro de determinada época, fonte para a História realizar seus estudos investigando por meio do discurso do outro, a representação simbólica de elementos históricos, ajudando a preencher as lacunas de um período ou complementando o conhecimento histórico. Portanto, é a partir da noção de representação e do aporte teórico da Psicanálise apontado neste breve comentário é que se realizará a análise do romance *O Outono do Patriarca*.

O DUPLO, PATRICIO ARAGONÉS

Na primeira parte do romance, um dos personagens de destaque é o sócia do Patriarca, Patricio

Aragonés. Há pouca informação a respeito de seu passado, seu pai era um “soprador de vidros”, um fabricante de garrafas. Até o momento de ser desmascarado, o duplo não possuía nenhum vínculo com o general, exceto pela extrema semelhança com o Patriarca, possuía o mesmo porte físico, além de outros detalhes de sua aparência: “los ojos taciturnos en la penumbra mortuoria, que habían visto los labios palidos, la mano de novia sensitiva con un guante de raso” (MÁRQUEZ, 1975, p.14). A utilização de um dublê, pelo Patriarca, em um primeiro momento revela um aumento de poder, evidenciado por algumas pesquisadoras (TORRE, 2011; NAVARRO, 1989) como veremos a seguir. Porém, ao analisarmos esta relação, por meio do aporte teórico da Psicanálise, encontramos outras formas de entender este recurso do duplo, como por exemplo, a necessidade do ditador de ser amado por seu povo, o terror de ser deposto e perder o lugar de soberano, a negação da realidade em prol da fantasia de poder absoluto e de onipotência mesmo frente à morte, é o que veremos detalhadamente a seguir.

Patricio foi encontrado em uma falsa carruagem oficial, fingindo ser o Patriarca devido à suas semelhanças físicas com o ditador. O sócia, se aproveitando do prestígio do Patriarca, distribuía sal aos enfermos em troca de dinheiro. Foi resgatado pelos oficiais do governo e começou a prestar serviços ao verdadeiro General, se fazendo passar pelo déspota em diversas situações, inclusive as que envolviam algum perigo. Segundo as pesquisadoras Torre (2011) e Navarro (1989), a função do sócia era o prolongamento do poder, como um dublê nas situações perigosas e atentados contra o Patriarca. Além disso, havia a possibilidade de ser visto em vários lugares simultaneamente, o que aumentaria o seu poder e prestígio. Concordamos com estas características apresentadas pelas autoras, sobre a utilização do sócia. Porém, cabe acrescentar que o significado do duplo na literatura fantástica também foi analisado por Freud em seu texto *Lo Ominoso* (1919/1992), onde cita que o *doppelgänger* é, em um primeiro momento, uma negação da morte, por meio da duplicação do ser, seja como uma réplica idêntica ou equivalente. Em outras palavras, o mecanismo de duplicar é uma garantia da imortalidade por meio de uma fantasia de controle sobre o poder da morte. Neste sentido, a existência de um sócia é uma segurança contra a possibilidade de morte, como de fato foram os serviços prestados por Patricio Aragonés, que morre após sofrer uma tentativa de

homicídio por envenenamento, supostamente planejado contra o Patriarca. Freud ainda refere que após esta satisfação e apaziguamento da angústia da possibilidade de morte, o efeito do duplo retorna na forma de um prenúncio da morte, contrariando seu primeiro efeito. Confirmamos esta reviravolta nas declarações de Patricio Aragonés agonizando em seu leito de morte:

ahí lo dejo por poco tiempo con su mundo de mierda mi general porque el corazón me dice que nos vamos a ver muy pronto en los profundos infiernos, yo más torcido que un lebranche con este veneno y usted con la cabeza en la mano buscando dónde ponerla [...] (MÁRQUEZ, 1975, p.27).

Após o prenúncio, o duplo deixa de ser amistoso em seu primeiro momento (FREUD, 1919/1992), ao passar para o segundo momento, converte-se em objeto de terror, Patricio Aragonés anuncia:

aproveche ahora para verle la cara a la verdad mi general, para que sepa que nadie le ha dicho nunca lo que piensa de veras sino que todos le dicen lo que saben que usted quiere oír mientras le hacen revelencias por delante y le hacen pistola por detrás [...] (MÁRQUEZ, 1975, p. 28-29).

O terror se exprime quando o duplo planta uma dúvida no coração do general que persiste em não aceitar, embora suspeito de que os militares e a população não estão ao seu favor.

Descritos estes episódios, podemos recapitular, sublinhando alguns momentos, a fim de entender esta relação do Patriarca com seu duplo e a fantasia subjacente em torno dos dois personagens. Patricio Aragonés quando descoberto se fingindo de patriarca é resgatado e em vez de punido, passa a exercer a função de sósia do Patriarca. Como observamos anteriormente, o duplo ameniza a angústia de morte. É por esta razão que o Patriarca acolhe Patricio, ao mesmo tempo em que aumenta seu poder, nega sua natureza mortal por meio deste mecanismo de defesa. Também verificamos no discurso final de Patricio Aragonés que o Patriarca era alvo de conspirações políticas e que seu povo não lhe desejava o bem. A partir deste dado, concluímos que o Patriarca já desconfiava da oposição e de possíveis atentados e por este motivo decide fazer de Patricio Aragonés o seu sósia, aliviando assim, a tensão provocada pela possibilidade de morte, e reafirmando seu poder (em fantasia) onipotente e imortal.

Acreditamos que esta hipótese do duplo pode ser considerada legítima, pois tal como evidenciamos, existem dois momentos do duplo, que evoluem para um desfecho comum.

No primeiro momento revela-se a necessidade de diminuir a angústia de morte, bem como ficou comprovado na função exercida por Patricio Aragonés. O sósia completa o desfecho realizando o segundo momento do duplo, onde acontece a inversão e seu sósia anuncia a morte do Patriarca.

A tensão deixada na forma de dúvida por Patricio Aragonés atormenta o Patriarca, que decide por à prova a declaração de seu sósia. Para isto, aproveita o cadáver de Patricio para forjar sua própria morte e observar a reação do povo e de seus aliados, para verificar se de fato é querido e estimado pela população. A cena ocorre da seguinte maneira:

lo vistió con la ropa que él llevaba puesta, le puso el bragero de lona, las polainas, la espuela de oro en el talón izquierdo, sintiendo a medida que lo hacía que se iba convirtiendo en el hombre más solitario de la tierra [...] (MÁRQUEZ, 1975, p. 30).

Em seguida, o general assiste indignado ao cortejo fúnebre, em meio às disputas dos grupos políticos pela herança do regime e às injúrias proclamadas pelo povo, nas ruas e do alto das janelas de suas residências:

vio la hoguera encendida en la Plaza de Armas para quemar los retratos oficiales y las litografías de almanaques que estuvieron a toda hora y en todas partes desde el principio de su régimen, y vio pasar su propio cuerpo arrastado que iba dejando por la calle un reguero de condecoraciones y charreteras, botones de dormán, hilachas de brocados y pasamanería de alamares y borlas de sables de barajas y los diez soles tristes de rey del universo, madre, mira cómo me han puesto, decía, sintiendo en la carne propia la ignominia de los escupitajos y las bacinillas de enfermos que le tiraban al pasar desde los balcones [...] (MÁRQUEZ, 1975, p. 33).

No trecho citado, o Patriarca demonstra certa indignação, é como se não acreditasse no que vê, assiste o que lhe rogou Patricio Aragonés. Torna-se difícil ao General aceitar a realidade que se revela. Posteriormente, cessada a confusão da falsa morte, o Patriarca convoca aqueles que o ofenderam na farsa de seu velório para confessarem que foram pagos para agirem daquela forma, na verdade tudo não passava de uma atuação e eles não tinham qualquer hostilidade para com o General, no fundo era o que ele gostaria de ouvir e acreditar:

aunque en realidad no le interesaba el castigo sino demostrarse a sí mismo que la profanación del cuerpo y el asalto de la casa no habían sido un acto popular espontáneo sino un negocio infame de mercenarios, así que se hizo cargo de interrogar a los cautivos de viva voz y de cuerpo presente para conseguir

que le dijeram por las buenas la verdad ilusoria que le hacía falta a su corazón, pero no lo consiguió, los hizo colgar de una viga horizontal como loros atados de pies y manos y con la cabeza hacia abajo durante muchas horas, pero no lo consiguió, hizo que echaran a uno en el fosso del pátio y los otros lo vieron descuartizado y devorado por los caimanes, pero no lo consiguió, escogió uno del grupo principal y lo hizo desollar vivo en presencia de todos y todos vieron el pellejo tierno y amarillo como una placenta recién parida y se sintieron empapados con el caldo caliente de la sangre del cuerpo en carne viva que agonizaba dando tumbos en las piedras del patio, y entonces confesaron lo que él quería que les habían pagado cuatrocientos pesos de oro para que arrastraran el cadáver hasta el muladar del mercado, que no querían hacerlo ni por pasión ni por dinero porque no tenían nada contra él, y menos si ya estaba muerto, pero que en una reunión clandestina donde encontraron hasta dos generales del mando supremo los habían amedrentado con toda clase de amenazas y fue por eso que lo hicimos, mi general, palabra de honor, y entonces él exhaló una bocanada de alivio [...] (MÁRQUEZ, 1975, p. 38-39).

Observa-se neste trecho que o Patriarca nega a realidade, se recusa a aceitar as ofensas que ocorreram durante o funeral, mesmo perante provas concretas, o General se agarra à confissão forçada de seus prisioneiros torturados e assim, se sente aliviado, tal a importância para ele ser estimado por seu povo.

A ALEGORIA E A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DO PODER PATRIARCAL

De acordo com a pesquisadora Sandra Pesavento, as imagens representadas no discurso da sociedade, fazem parte do imaginário social, se apoiando na realidade existente, ou seja, não são meras fantasias inventadas, pelo contrário, devem estar baseadas em seu contexto:

Entende-se que mesmo o fantástico e o extraordinário manejam com dados reais, transformados e adaptados em combinações várias. A própria potência criadora do imaginário não é concebida num vazio de ideias, coisas ou sensações. (PESAVENTO, 1995, p. 22).

Ao longo do Outono, García Márquez utiliza a voz do povo e a voz do General de maneira alternada, o que nos permite perceber o discurso de ambos, conseqüentemente, a representação que se forma no imaginário do Patriarca e da população.

A figura do Patriarca é descrita pela voz narrativa, como um homem grande, de tamanho descomunal, “pues también se dijo en un tiempo que él había seguido creciendo hasta los cien años” (MÁRQUEZ,

1975, p. 49). Este discurso se repete no imaginário coletivo, inclusive nos relatos dos historiadores oficiais: “las descripciones de sus historiadores le quedaban grandes, pues los textos oficiales de los parvularios lo referían como un patriarca de tamaño descomunal que nunca salía de su casa porque no cabía por las puertas [...]” (MÁRQUEZ, 1975, p. 50). As duas citações remetem à figura de grandeza física e que pode-se associar à grandeza do Poder. Para Freud (1939/1996), grandeza e poder figuram uma representação de Pai, que deve sustentar uma imagem de homem forte, de líder, ou seja, atributos de um chefe de Estado.

Freud em Psicologia das massas e análise do Eu (1921/2011), defende a hipótese de que o General é uma figura substituta do pai, por quem seus soldados nutrem admiração, respeito e identificação. É um líder que domina e é superior a todos, mantendo a organização, a unidade e a estrutura da massa. Este caráter militar é outro aspecto que endossa a figura paterna do Patriarca, frente a todo o seu exército de soldados-filhos.

A fim de manter o controle e sustentar a soberania sobre os demais, o Patriarca gradativamente se torna cada vez mais poderoso, outros poderes lhe são atribuídos:

conocía el lenguaje de algunos animales, que tenía la virtud de anticiparse a los designios de la naturaleza, que adivinaba el pensamiento con sólo mirar a los ojos y conocía el secreto de una sal de virtud para sanar las lacras de los leprosos y hacer caminar a los paralíticos (MÁRQUEZ, 1975, p. 50).

Esta descrição dos poderes sobrenaturais do Patriarca enfatiza seu caráter divino, que transcende os limites da vida e da morte – quando morre duas vezes, ou ressuscita repentinamente – do tempo, dos fenômenos naturais, da doença e da cura. Alia-se à figura simbólica de pai, a sua longevidade, o narrador relata que o Patriarca fora encontrado morto “más viejo que todos los hombres y todos los animales [...]” (MÁRQUEZ, 1975, p. 8), “sua idade é indefinida – entre 107 e 232 anos” (Torre, 2011, p. 9).

O próprio Patriarca, com o apoio e vontade do povo, santifica sua mãe Bendición Alvarado, por decreto, mesmo contra as refutações da Igreja (MÁRQUEZ, 1975, p. 160), segundo os relatos, Bendición Alvarado havia concebido seu filho “sin concurso de varón” (MÁRQUEZ, 1975, p. 51). Ora, se sua mãe é uma santa, o que seria o General?

A resposta a esta pergunta é uma clara alegoria ao cristianismo, Gonzalez concorda com esta observação em seu estudo sobre o Outono do patriarca:

“García Márquez’s is a mock foundation myth whose origin ultimate model is Christianity itself”⁸. Além da analogia Patriarca/Bendición e Jesus/Maria, há ainda outras duas semelhanças que endossam a alegoria com o cristianismo. A primeira é a função designada ao Patriarca de “salvador” do reino/república: “proclamado comandante supremo de las tres armas y presidente de la república por tanto tiempo cuanto fuera necesario para el restablecimiento del orden y el equilibrio económico de la nación [...]” (MÁRQUEZ, 1975, p. 254). Cabe salientar que, no texto *A psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011), Freud traça uma semelhança entre Jesus e o general. Para o autor, estes líderes administram as massas e impedindo que se dissolvam, mantêm a ilusão de que amam todos os indivíduos da massa de maneira igual, como um pai substituto que ama a todos os seus filhos sem qualquer distinção. É por este amor que devem se manter coesos, unidos em torno do líder que os conduz.

A segunda é a “ressuscitação” do Patriarca durante o episódio da morte de Patricio Aragonés, citado anteriormente neste artigo. Estas características se coadunam em uma paródia que remete ao cristianismo como modelo mitológico de origem.

As análises dos autores Fioruci (2010), Navarro (1989), Quesada (2012) e Torre (2011) revelam que o tempo estancado inerente ao ritmo da narrativa e ao prolongamento da vida do Patriarca transmite ao leitor uma sensação de tempo mítico, de eternidade, que subjaz ao tempo histórico. Nas palavras de Quesada (p. 255): “la de un origen, una dimensión fundacional del tiempo que, por tanto, está ‘fuera del tiempo’, que no está, ni antes, ni después de la historia, sino como ‘por detrás’, constituyendo su sentido”. O universo criado por García Márquez, portanto, abarca uma fusão entre o tempo histórico e o tempo mítico extremamente condensado onde o passado, presente e futuro se misturam, como pano de fundo, que remete às origens da criação e do caos.

Os elementos da narrativa demonstram uma condensação de significados que permitem diversas interpretações, sem que se excluam uma à outra. O fato da orfandade do Patriarca é outro elemento que converge, junto à alegoria cristã, ao mito do pai primevo, sublinhado por Freud (1939/1996), como

um tirano, pai da horda primitiva: “Um homem sem pai, como os déspotas mais ilustres da história”.⁹ Esta passagem legitima o General como semelhante aos outros tiranos e revela a figura do Patriarca como um ser mítico, sem um pai anterior a ele, ou seja, não há um homem superior ao qual deva se reportar e ser submisso, sendo assim, forma-se a figura de um pai, o tirano da horda que gerou cinco mil filhos¹⁰ bastardos.

Estes comemoraram a falsa morte do Patriarca, no episódio do velório de Patricio Aragonés: “vio a sus sietemesinos haciendo músicas de júbilo con los trastos de la cocina y los tesoros de cristalería y los servicios de mesa de los banquetes de pontifical cantando a grito callejero se murió mi papá, viva la libertad [...]” (MÁRQUEZ, 1975, p. 33). Nesta passagem, podemos observar o uso, pelos filhos bastardos, de materiais relacionados à cozinha e à mesa de jantar na comemoração pelo falecimento do Pai. A metáfora sugerida neste trecho alude de maneira sutil à cerimônia totêmica descrita nos estudos de Freud (1913/1996) sobre o sacrifício e a consumação do totem pelo clã em comemoração pela repetição do assassinato do pai.

Esta hipótese lançada em *Totem e Tabu* (1913/1996), parte das ideias de Darwin, onde este postula a existência, em um período pré-histórico, de um Pai, chefe do bando e detentor das mulheres, que expulsava os filhos homens quando atingiam a maturidade sexual. Revoltados, um grupo destes excluídos assassinou e devorou o pai. Porém, algumas questões surgiram a partir daí, quem deveria tomar o lugar do tirano? Se um deles o tomasse, começaria nova disputa, o que resultaria no mesmo assassinato, então, os irmãos se viram forçados a renunciar a este posto e às suas gratificações, resultando em um culto ao totem, substituto do pai, e a implantação da exogamia, pois nenhum deles poderia se relacionar com as mulheres do próprio clã, nascendo assim, a proibição incestuosa.

Freud (1913/1996) ainda afirma sobre o Totem, que na maioria das vezes era um animal e representa seu clã, não devia ser caçado, seu consumo era proibido, somente em ocasiões especiais realizava-se um sacrifício, e todos os integrantes do grupo deviam consumi-lo. Entretanto, esta cerimônia era uma ocasião festiva, fato um tanto quan-

8 Em português: “A obra de García Márquez é uma simulação do mito de fundação cuja origem é o próprio cristianismo como modelo final.” (GONZALEZ, 1980, p. 213)

9 No original: “un hombre sin padre como los déspotas más ilustres de la historia [...]” (MÁRQUEZ, 1975, p. 51).

10 “Se estimaba que en el transcurso de su vida debió tener más de cinco mil hijos [...]” (Loc. cit.)

to contraditório, afinal, o clã estava sacrificando o substituto paterno (animal do totem). Para o autor, este evento é uma comemoração, uma repetição do assassinato do pai primordial.

Os filhos bastardos do General comemoram a libertação da tirania, com a alegria e acessórios de banquete, o que remete ao ritual de sacrifício e consumação do totem pelos filhos do pai primevo, filhos estes que foram expulsos do bando, tal como os bastardos também não são reconhecidos oficialmente, ou seja, não são considerados filhos legítimos do Patriarca. Se transpusermos a cena para o contexto da América Latina e dos caudilhos, os bastardos poderiam ser a oposição, a resistência, os filhos do regime que ficaram à margem da sociedade, excluídos no anonimato, torturados e mortos. Após morte do Pai-ditador, os bastardos comemoram sua reinserção na sociedade e a liberdade, de modo semelhante aos filhos da horda que deposto o lugar do pai primordial se reintegram ao grupo, fundam as leis e a convivência social.

GENERAL RODRIGO DE AGUILAR E O MITO DE CRONOS

O general Rodrigo de Aguilar é o homem de confiança e braço direito do Patriarca na maior parte do romance, nos é apresentado por García Márquez da seguinte forma:

protegido por la sombra de mi compadre de toda la vida el general Rodrigo de Aguilar, un artillero de academia que era además su ministro de la defensa y al mismo tiempo comandante de las guardias presidenciales, director de los servicios de seguridad del estado y uno de los muy pocos mortales que estuvieron autorizados para ganarle a él una partida de dominó [...] (MÁRQUEZ, 1975, p. 17).

Como podemos observar o general Rodrigo Aguilar além de pertencer à alta patente do regime, comandava o ministério da defesa e estava diretamente envolvido com a guarda presidencial, protegia o Patriarca nos bastidores, preparava a escolta durante as visitas à Manuela Sánchez e desarmava atentados, em um deles inclusive perdeu o braço direito. Durante a simulação de morte no episódio de Patricio Aragonés, enquanto o resto do governo dividia a herança do regime, foi Rodrigo de Aguilar

que estava ao lado do Patriarca para defendê-lo da oposição. Nas horas vagas, os dois generais ainda jogavam dominó e discutiam assuntos a respeito do Estado.

A relação de confiança entre os dois generais ia bem até o final da terceira parte do romance quando o Patriarca distraído é surpreendido por um leproso com um revólver em riste pronto para lhe tirar a vida¹¹. O leproso vacila e o atentado não tem êxito, por conseguinte o Patriarca fica mais atento e começa a investigar quem fora o autor do atentado, em seu pensamento, deveria ser uma pessoa muito próxima, que conhecesse seus passos, seus segredos. Até que em uma partida de dominó com o general Rodrigo de Aguilar:

vio el presagio materializado en una mano pensativa que cerró el juego con el doble cinco, y fue como si una voz interior le hubiera revelado que aquella mano era la mano de la traición, carajo, éste es, se dijo perplejo, y entonces levanto la vista a través del chorro de luz de la lámpara colgada en centro de la mesa y se encontró con los hermosos ojos de artillero de mi compadre del alma el general Rodrigo de Aguilar [...] (MÁRQUEZ, 1975, p. 123-124).

Assim, como em um *insight*, o Patriarca percebe que seu braço direito o traiu. Não bastavam todo o poder e privilégios que foram concedidos ao general Rodrigo, ele junto à oposição almejavam tomar o lugar do Patriarca¹². No banquete realizado anualmente com a guarda presidencial ocorreu a reviravolta, todos os convidados aguardavam a chegada do general Rodrigo de Aguilar, que estava atrasado:

eran las doce, pero el general Rodrigo de Aguilar no llegaba, alguien trató de levantarse, por favor, dijo, él lo petrificó con la mirada mortal de que nadie se mueva, nadie respire, nadie viva sin mi permiso hasta terminaron de sonar las doce, y entonces se abrieron las cortinas y entró el egrégio general de división Rodrigo de Aguilar en bandeja de plata puesto cuan largo fue una guarnición de coliflores y láureles, macerado en especias, dorado al horno, aderezado con el uniforme de cinco almendras de oro de las ocasiones solemnes y las presillas del valor sin limites en la manga del medio brazo, catorce libras de medallas en el pecho y una ramita de perejil en la boca, listo para ser servido en banquete de compañeros por los destazadores oficiales ante la perificación de horror de los invitados que cuartizamiento y el reparto, y cuando hubo en cada plato una ración igual de ministro de la defensa con la orden de empezar, buen provecho señores. (MÁRQUEZ, 1975, p. 126-127).

11 No original: "una mañana atravesaba el patio de regreso del ordeño y le falló el instinto para ver a tiempo al falso leproso de aparición que se alzó de entre los rosales para cerrarle el paso en la lenta llovizna de octubre y sólo vio demasiado tarde el destello instantáneo del revólver pavonado" (MÁRQUEZ, 1975, p. 122).

12 "y todavía querían más, carajo, querían el sitio elegido de Dios que él se había reservado, querían ser yo [...]" (Ibid., p. 124).

Navarro (1989) cita este episódio enfatizando o humor como recurso para disfarçar a violência da cena, demonstrando também o artifício da dominação. Porém, seguindo nossa linha de interpretação, se o Patriarca representa a figura do pai, o general Rodrigo de Aguilar, principal comandante das forças armadas e braço direito do chefe de Estado, era o mais próximo “afetivamente” do Patriarca, representando simbolicamente a posição de filho. Rodrigo rivaliza com o pai planejando junto com outros integrantes do governo derrubá-lo, tal como os filhos excluídos do pai primevo. Ainda, nas palavras do Patriarca, seus subordinados desejam o seu lugar, “desejam ser eu” (MÁRQUEZ, 1975, p. 126-127).

O humor em forma de paródia descrita neste episódio nos remete ao mito de Cronos¹³. Este se alimentava de seus filhos, com receio de que “tomassem” seu lugar. Da mesma forma que Cronos, o Patriarca se antecipa, mata seu filho pródigo e o serve no banquete. E nos dois casos o intuito é a manutenção do poder frente a um possível candidato ao posto, e mais uma vez em ambos esta defesa se dá contra um filho que deseja a tomada de poder.

Freud (1926/1996), afirma que o mito e a cena que o envolve fazem parte do imaginário da humanidade de maneira inconsciente, desde os homens primitivos, passando pelos contos de fadas e mitos, até as fantasias das crianças contemporâneas. Em outro texto, Freud aponta:

As obscuras notícias das épocas primitivas da sociedade humana que nos chegaram por meio da mitologia e das lendas nos dão uma ideia incômoda da plenitude de poderes do pai e da brutalidade com que era usada. Cronos devora seus filhos, mais ou menos como o javali faz com as crias da sua fêmea, e Zeus castra o pai e se coloca em seu lugar como soberano. Quanto mais irrestrito o domínio do pai na família antiga, tanto mais o filho, destinado a sucedê-lo, deve ter se assumido a posição de um inimigo, tanto maior deve ter se tornado a sua impaciência de chegar ao poder por meio da morte do pai. (FREUD, 2012, p. 279).

Em suma, a semelhança entre a cena do banquete e o mito de Cronos endossa o caráter tirano do ditador, daquele que detém o Poder e quer administrá-lo de maneira brutal. Freud chama de “ideia incômoda” a coerção e a violência exercidas desde épocas primitivas pelos Patriarcas, contra aqueles que tentam se rebelar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cenas que foram expostas neste artigo e demonstradas por meio do recurso metafórico e da interpretação psicanalítica explicitam que o particular da obra literária possui um caráter universal e seus conteúdos podem ser transpostos para a realidade, já que emerge como fonte histórica e testemunho de seu tempo. No caso do Outono, de forma caricatural, García Márquez exhibe a América Latina inserida no contexto do regime ditatorial, os conflitos e a relação entre seus atores, sobretudo a figura do ditador e do Poder.

No primeiro tema, o duplo foi investigado como defesa contra as suspeitas de traição e assassinato, bem como uma fantasia de onipotência por parte do déspota, que se imagina imortal. Além disso, observamos o desejo do Patriarca de ser bem quisto pela população, possuir o apoio do povo também fazia parte de sua fantasia onipotente.

O segundo tema a ser abordado tratou das diversas faces do Patriarca, o significado simbólico de seu tamanho e sua idade, a questão da divinização e algumas semelhanças com o cristianismo, o lugar de chefe de Estado militar e o mito do pai primevo, todas estas faces endossam o caráter paterno do ditador.

Por último, em estreita relação com o mito do pai primevo, o mito de Cronos presente na Teogonia, que relata as origens dos deuses, é uma tentativa de explicação da origem da humanidade e, sobretudo, trata da questão da relação de rivalidade contra o Pai. Alegoricamente, García Márquez traz para o Outono episódio semelhante, o que enfatiza as interpretações anteriores.

Evidenciamos sob alguns aspectos que as representações da figura do ditador estão de alguma maneira, relacionadas simbolicamente à figura paterna, expressa na forma de um líder de poder absoluto, coercitivo e violento, estas características do ditador contemporâneo se emparelham com as do pai primordial, e também com o mito grego de “Cronos”, como observamos nos parágrafos anteriores. No início do artigo vimos que García Márquez vivenciou as ditaduras contemporâneas, ouviu histórias de combates de seu avô e como repórter acompanhou de perto os regimes autoritários. Por meio destas experiências, o escritor colombiano critica a mentalidade política latino-americana e os caudilhos como fonte de poder e autoridade, criando uma alegoria para realizar sua denúncia e registrar através da literatura a história da América Latina.

13 Cronos devora seus filhos recém-nascidos para preservar seu poder, segundo o mito narrado por Hesíodo (TORRANO, 1995).

FONTES

MÁRQUEZ, Gabriel García. **O outono do patriarca**. Tradução de Remy Gorga Filho. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. 260 p.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **El otoño del patriarca**. Buenos Aires: Sudamericana, 1975. 271 p.

REFERÊNCIAS

BURKE, P. “**A Grande Tradição**”. In: _____. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CHARTIER, R. **O mundo como Representação**. Estudos Avançados, São Paulo, Vol. 5, n. 11, 1991.

FIGUEIREDO FILHO, C. R. **História e Psicanálise**: possíveis afinidades. Academos – Revista Eletrônica da FIA, São Paulo, Vol. II, N. 2, p. 12-21. Jul./Dez. 2006.

FIORUCI, W. R. **Imagens da América em El Otoño del Patriarca**. Revista de Literatura, História e Memória, Cascavel, Vol. 6, n. 8, pp. 113-121, 2010.

FREITAS, L. A. P. de. **Freud e Machado de Assis**: Uma interseção entre psicanálise e literatura. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

FREUD, S. (1919). **Lo Ominoso**. In: De la historia de una neuroses infantil y otras obras. Trad. Jose Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. Vol. XVII.

_____. (1939[1934-38]). **Moisés e o monoteísmo**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXIII.

_____. (1921). **Psicologia das Massas e análise do Eu**. In: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. (1913 [1912-13]). **Totem e tabu**. In: Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIII.

_____. (1926). **A questão da análise leiga**: Conversações com uma pessoa imparcial. In: Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XX.

_____. (1900). **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012. GAY, P. Freud para historiadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GONZALEZ, R. E. **The Dictatorship of Rhetoric/ the Rhetoric of Dictatorship**: Carpentier, Garcia Marquez, and Roa Bastos. Latin American Research Review, Vol. 15, No. 3 (1980), pp. 205-228.

HESÍODO. Teogonia: **A origem dos deuses**. Tradução e Estudo Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

LA BOÉTIE, E. de. **Discurso da servidão voluntária**. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MÁRQUEZ, G. G. **El otoño del patriarca**. Buenos Aires: Sudamericana, 1975. 271 p.

NAVARRO, M. H. **Romance de um ditador – Poder e História na América Latina**. São Paulo: Ícone, 1989.

PESAVENTO, S. **Em busca de uma outra história**: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.15, n.29, p.9-27, 1995.

_____. **Correntes, campos temáticos e fontes**: uma aventura da História. In: _____. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

QUESADA, E. **Objeto, tiempo y colectividad en El Otoño del Patriarca**. Discusiones Filosóficas. Año 13 N° 21, p. 245 – 262, julio – diciembre, 2012.

ROMERO, M. R.Z. **Erotismo, velhice e conhecimento em O amor nos tempos do cólera**. Santa Cruz do Sul: UNISC, Dissertação de mestrado, 2009.

SALDÍVAR, Dasso. Gabriel García Márquez: **Viagem à semente**. Rio de Janeiro: Record, 2000. 495 p.

STAINBACH, A. M. **Psicanálise Freudiana e História:** Possibilidades e Limites da Construção de uma História dos Sentimentos. *Revista de Teoria da História*, Goiás, Ano 2, n. 5, p. 2-14, jun. 2011.

TONETI, E. D. **Discurso da servidão voluntária:** relações de força e liberdade na obra de La Boiétie. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 165-191, jan./jun. 2009.

TORRE, M. M. C. **Transculturação e dialogismo/pátria, nação e memória em O outono do patriarca.** 2011, 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

VIEIRA, F. de P. G. **América Violentada:** Identidade, Exílio e Ditadura na Obra Doze Contos Peregrinos de Gabriel García Márquez. *História Social*, Campinas, n. 18, p. 117-136, segundo semestre 2010.